



PATOLOGIAS E SUAS CAUSAS NO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DO SÉC. XVIII: CAPELA DE SANTO ALEIXO – MAGÉ/RJ

MARCHON, Tainá (1); HORA, Isabella Mayara Abreu (2)

(1) Universidade Federal do Rio de Janeiro, tainamarchonara@gmail.com

(2) Universidade Federal do Rio de Janeiro, hora.isabella@hotmail.com

RESUMO

Situada no município de Magé, Rio de Janeiro, a Capela de Santo Aleixo foi erguida como uma capela de fazenda por José dos Santos Martins no período de 1743-1747. É a única igreja dedicada a este santo em todo o território nacional que se tem conhecimento e está localizada no topo de uma colina distrito agrícola do Rio do Ouro, aos pés da Serra dos Órgãos. A edificação é barroca e pertence ao período colonial, que é tido como a primeira manifestação da Arquitetura Brasileira pelo movimento modernista e se encontra protegida por tombamento sob tutela do INEPAC – Instituto Estadual do Patrimônio Cultural – desde 2 de maio de 1984, através do processo E-18/300.049/84. Ao longo dos últimos dois séculos, a capela passou por uma série de intervenções onde buscou-se tratar as patologias apresentadas e que acabaram a descaracterizando fisicamente, porém sem afetar sua importância cultural para o estado do Rio de Janeiro e seu estilo arquitetônico. Este artigo tem como objetivo identificar e analisar as principais causas das patologias que afligem este bem edificado. Para tal, foram realizadas pesquisas in loco com prospecções e mapeamento dos danos, onde foi possível conhecer tais patologias e realizar um diagnóstico. O desenvolvimento deste estudo é fundamental para futuras intervenções na edificação e na escolha das terapias, evitando descaracterizar o bem e preservando sua autenticidade.

Palavras-chave: Capela de Santo Aleixo, patrimônio cultural, patologias.

ABSTRACT

Located in the county of Magé, Rio de Janeiro, the Chapel of Santo Aleixo was erected as a farm chapel by José dos Santos Martins from 1743-1747. It is the only known church dedicated to this saint in the entire national territory and is located on the top of a hill agricultural district of Rio do Ouro, at the foot of the Serra dos Órgãos. The building is baroque and belongs to the colonial period, which is regarded as the first manifestation of Brazilian Architecture by the modernist movement and is protected by the registration instrument of INEPAC – Instituto Nacional do Patrimônio Cultural - since May 2, 1984, through the process E-18/300.049/84. Over the last two centuries, the chapel has undergone a series of interventions in which it has sought to treat the pathologies presented and that have physically uncharacterized, but without affecting its cultural importance to the state of Rio de Janeiro and its architectural style. This article aims to identify and analyze the main causes of the pathologies that afflict this well-built. For this, on-site surveys were conducted with prospecting and damage mapping, where it was possible to know such pathologies and make a diagnosis. The development of this study is fundamental for future interventions in the building and choice of therapies, avoiding mischaracterizing the good and preserving its authenticity.

Keywords: Santo Aleixo Chapel, cultural heritage, pathologies.

1 INTRODUÇÃO

Localizada no interior fluminense do estado do Rio de Janeiro, Brasil, no topo de uma colina no distrito agrícola do Rio do Ouro, no município de Magé e margeada pelo Parque Nacional da Serra dos Órgãos, a Capela de Santo Aleixo é um arquétipo da falta de uma educação patrimonial e políticas públicas que incentivem a manutenção e preservação do patrimônio cultural que resulta em perigosas intervenções no bem edificado. No entanto, apesar de suas modificações, a Capela de Santo Aleixo ainda mantém seus valores culturais para o Rio de Janeiro.

A construção deste trabalho foi baseada no Manual de Elaboração de Projetos de Preservação do Patrimônio Cultural – Caderno Técnico n. 1 – desenvolvido pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional – em conjunto com o Programa Monumenta (BRASIL, 2005) onde foram abordadas as etapas de identificação e conhecimento do bem até a realização do diagnóstico – ausentando-se os anexos, por se tratarem de construções recentes e com diferentes sistemas construtivos.

O presente artigo busca identificar e analisar as principais causas das patologias que afligem este patrimônio cultural, fornecer subsídios para futuras intervenções preservacionistas e escolha de terapias mais adequadas para o patrimônio.

O trabalho está dividido em cinco seções, com a primeira Seção de caráter introdutório. Na segunda Seção aborda-se a contextualização histórica do edifício. A terceira Seção apresenta a metodologia utilizada. A quarta Seção contém uma análise do estado de conservação do bem, que traz uma descrição do templo e um diagnóstico do edifício. Por fim, a quinta Seção contém uma análise dos resultados obtidos e sugestão para trabalhos futuros.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Por meio de pesquisa bibliográfica foi possível identificar a doação de uma sesmaria realizada em 1721 a Manoel Martins de Oliveira subindo o rio Suruí até a Serra dos Órgãos (PIZARRO E ARAÚJO, 1820) onde surgiu a fazenda de Santo Aleixo e, vinte e dois anos depois, foi construída a Capela de Santo Aleixo, que deu origem ao povoado e ao segundo distrito do município de Magé.

O templo foi erguido por José dos Santos Martins em setembro de 1743 (PIZARRO E ARAÚJO, 1820) e seguiu como uma filial da paróquia Nossa Senhora da Piedade, em Magé. É a única igreja dedicada a Santo Aleixo em todo território nacional que se tem conhecimento. O templo possui estilo barroco e pertence ao período colonial, que é tido pelo movimento modernista como a primeira manifestação da arquitetura brasileira. O sentimento de pertencimento existente na população em relação ao bem é forte, causando recorrência de nomes peculiares derivados do nome do

santo na região, como Aleixo, Aleixa e Aleixina (RIBEIRO, MARCHON, LIMA, 2018).

Com o advento da indústria têxtil e a chegada da Fábrica Nacional de Santo Aleixo (mais tarde Companhia Fiação e Tecelagem Bezerra de Mello) em 1848 (RIBEIRO, 2013) e da Fábrica Unidas de Tecidos, Rendas e Bordados S.A., em 1870 (FIGUEIREDO, 2008) em conjunto com a criação de suas vilas operárias, ocorreu um deslocamento do povoamento para as áreas de entorno destes novos conjuntos fabris, que resultou na criação de novas igrejas e no abandono da região e do templo até meados do século XX, quando é criada a Paróquia Nossa Senhora da Conceição e Santo Aleixo.

O crescimento da região impulsionado pela expansão da indústria têxtil fez com que o povoado fosse nomeado segundo distrito do município de Magé, no ano de 1892, a partir do decreto estadual n. 1 de 08 de maio de 1892. O primeiro registro da realização da festa dedicada a Santo Aleixo é de 1898 (JORNAL DO BRASIL, 1898) e a partir de 1945 a festa começa a acontecer anualmente, como ocorre até o momento deste estudo e se tornou um dos maiores eventos religiosos do Rio de Janeiro.

Com a queda das indústrias têxteis após a Segunda Guerra Mundial, o território em torno do templo volta a ser ocupado com foco para atividades agrícolas, que resulta na criação do distrito agrícola do Rio do Ouro, através da lei municipal 1532/2002, onde a capela passa a pertencer ao novo distrito.

Em 1984 o templo é reconhecido pelo INEPAC – Instituto Estadual do Patrimônio Cultural – como patrimônio cultural e passa a ser protegido através do instrumento de tombamento na esfera estadual sob tutela do mesmo órgão, através do processo E-18/300.049/84 em conjunto com outras nove igrejas católicas da região. Desde sua construção o templo passou por uma série de intervenções que, além de contribuir para a descaracterização física do edifício, também resultaram em problemas na sua conservação e no aparecimento de novas patologias.

3 METODOLOGIA

Com base nas instruções do Manual de Elaboração de Projetos de Preservação do Patrimônio Cultural do IPHAN, o processo iniciou-se na identificação e conhecimento do bem. Para isto, foram realizados levantamentos de dados da Capela de Santo Aleixo através de pesquisa histórica e bibliográfica sobre o templo para melhor compreender seu histórico e evolução desde sua construção, assim como sua relação com a população em seu entorno.

Nesta pesquisa foram utilizadas bases em artigos, livros e documentações em conjunto com fotografias (levantamento fotográfico e acervo pessoal

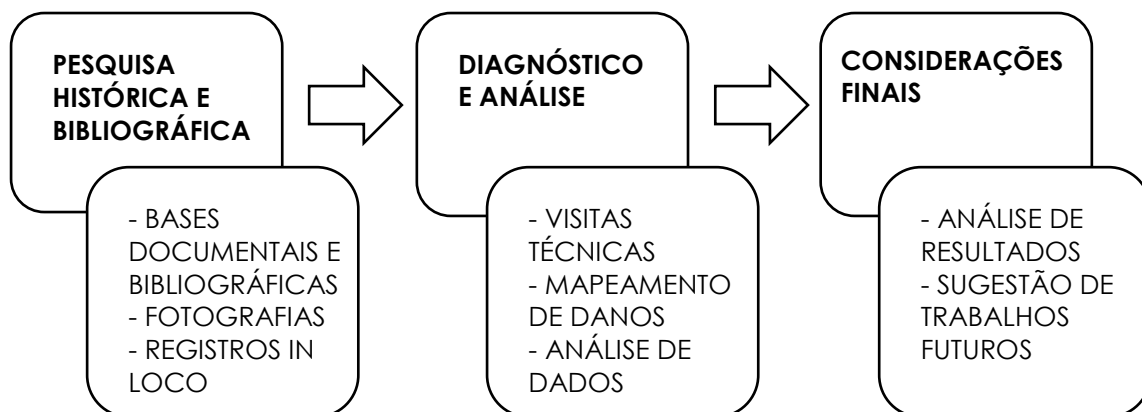
de moradores), levantamento físico, registros in loco e prospecções, que permitiram a identificação dos materiais e do sistema construtivo.

A partir disto, seguiu-se para a etapa de diagnóstico. Nesta etapa, foi possível ir a campo com um panorama sobre o edifício. Foram realizadas duas visitas técnicas à capela, sendo estas em setembro e outubro de 2017, com objetivo de analisar as alterações realizadas no edifício e seu estado de conservação. Em junho de 2019 foi realizada uma nova visita para atualização das informações, onde constatou-se que os dados e fotografias obtidos nas visitas de 2017 permanecem válidas para analisar as condições de conservação do templo. Estas visitas permitiram detectar as patologias encontradas no edifício e identificar suas possíveis causas.

Com o objetivo de sintetizar a apresentação dos dados coletados, o material gerado por estas análises foi suprimido e este trabalho apresenta as patologias por meio de registros fotográficos e a descrição das suas características e causas.

Compreendeu-se que a próxima etapa do referido Manual, intitulada de Proposta de Intervenção, não traria benefícios a este estudo, que não tem como objetivo intervir no patrimônio em questão.

As fases acima descritas podem ser representadas conforme fluxograma:



4 ESTADO DE CONSERVAÇÃO

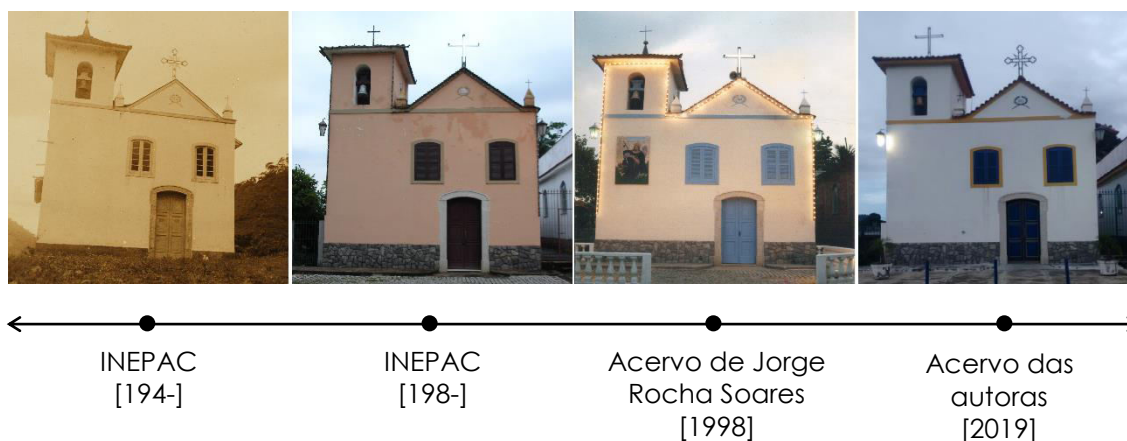
4.1 Descrição do Bem

Prospecções in loco realizadas entre 2010/2016 e analisadas neste estudo, permitiu identificar o sistema estrutural como autoportante. O templo possui paredes em pedra e argamassa com espessura de 55 cm e fundação superficial corrida também em pedra. Foi possível observar através das diferenças de coloração, formato e textura das pedras e argamassa que a sacristia foi construída posteriormente em relação ao restante da Capela (RIBEIRO, MARCHON e LIMA, 2018).

A fachada principal possui torre sineira e molduras em cantaria. As esquadrias são em madeira com formato retangular e verga em arco

abatido. Estas foram substituídas e inseridas folhas de veneziana na década de 1980. Ao longo dos últimos anos, houve variação na ordem cromática, representadas na Figura 1. A cobertura em laje de concreto armado foi acrescida na década de 1970 juntamente com a reforma do telhado com estrutura em madeira do tipo tesoura de linha suspensa e telha cerâmica romana com beirais.

Figura 1 – Linha do tempo da Capela



Fonte: Elaborado pelas autoras.

A fachada posterior e as fachadas laterais do templo eram compostas por esquadrias em madeira que foram substituídas e hoje são componentes metálicos com fechamento em vidro, visto na Figura 2.

Figura 2 – Fachadas laterais do templo



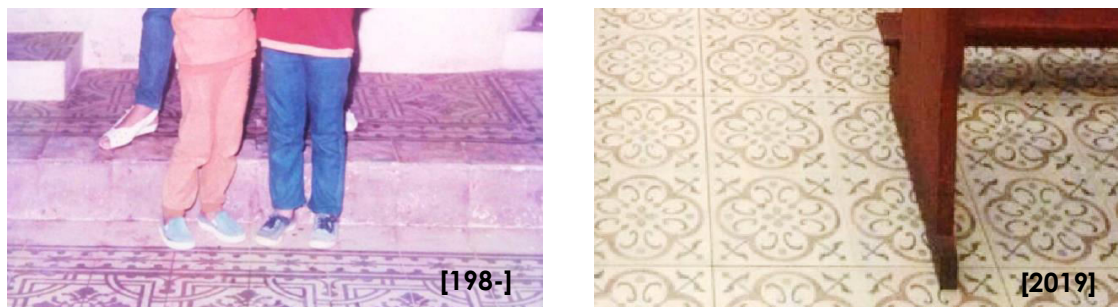
Fonte: Elaborado pelas autoras.

A partir da década de 1970, os forros de madeira foram substituídos por lajes pré-moldadas, assim como foi criado um banheiro na sacristia em alvenaria de vedação. Já a escada para o coro, também em madeira, foi substituída na mesma década por estrutura em concreto armado.

O piso foi substituído diversas vezes após o tombamento do templo. Em sua última alteração, foi instalado um porcelanato com desenho

semelhante ao ladrilho hidráulico original, representado na Figura 3. Para o acesso a torre sineira, foi inserida uma escada metálica.

Figura 3 – Revestimento do piso original e atual, respectivamente



Fonte: Acervo pessoal de Maria Madalena e autoras.

4.2 Diagnóstico

Para a análise do estado de conservação do templo e o diagnóstico, considerou-se as alvenarias, elementos em madeira e elementos metálicos, por reunirem as patologias mais recorrentes e apresentarem um panorama completo sobre o estado da edificação.

Neste diagnóstico, observou-se que as lajes pré-moldadas, as alvenarias de vedação e a escada com estrutura em concreto armado não apresentam patologias e, por isso, estão em bom estado de conservação.

A) Alvenarias

As alvenarias autoportantes apresentam manchas de sujeira, bolores/infiltrações/manchas de umidade, estufamento e desprendimento da camada pictórica. Nos trechos onde foram feitas instalações elétricas, encontra-se diferença no nível da argamassa e fissuras.

Constatou-se que a sujeira presente no exterior das alvenarias da edificação (de acordo com sua posição e forma de ocorrência) é causada pela precipitação – que bate no piso e respinga para o edifício, trazendo consigo partículas que se agregam na camada pictórica, criando, desta forma, uma mancha. As manchas de umidade/bolores sob as janelas do coro são causadas pelo mau dimensionamento dos beirais do telhado, que não protegem a fachada e provocam a percolação das águas da chuva pela alvenaria. Já no seu interior, as manchas de sujeira são justificadas por marcas de uso inapropriados, tendo sua forma mais recorrente o apoio de calçados.

A presença de umidade resulta no aparecimento de bolores, estufamento da argamassa de revestimento e desprendimento da camada pictórica, que acontecem tanto pela infiltração de água das chuvas, como pela percolação de água oriunda do solo, por ascensão capilar, quando a

base das alvenarias não possuem impermeabilização; outra possível causa para esta ocorrência é a umidade de condensação, que tende a aparecer em ambientes com pouca ventilação. Observou-se também, manchas de infiltração circulares na argamassa de revestimento, seguidas de desprendimento da camada pictórica, causada pela ausência da alvenaria, onde o local recebeu apenas a argamassa de revestimento.

A diferença no nível e o aparecimento de fissuras na argamassa de revestimento, apresentadas em sua maioria nos locais onde foram realizadas instalações elétricas, indicam que esta patologia se dá principalmente pela incompatibilidade da nova argamassa com a argamassa existente. Com a variação de temperatura e a presença de umidade, estes elementos se comportam de forma distinta, apresentando diferença de dilatação, que causam o aparecimento das fissuras.

As patologias descritas acima estão expostas na Figura 4.

Figura 4 – Demonstração das patologias encontradas nas alvenarias



Fonte: Acervo das autoras.

B) Elementos de Madeira

Atribuiu-se a perda dos elementos originais as intervenções feitas sem o devido conhecimento histórico-técnico ao longo dos últimos dois séculos, principalmente ao período pré-tombamento, onde ocorreram a maior parte das modificações nestes elementos (MARCHON, 2017). O único elemento em madeira remanescente do século XVIII na construção é o retábulo.

Os ornatos em madeira presentes no retábulo encontram-se com excesso camadas pictóricas, fissuras, desprendimentos e lacunas em sua composição, além de apresentarem sinais de ataque biológico.

O excesso de camadas pictóricas é justificado por deficiências em técnicas adotadas na manutenção do templo. A não remoção da camada danificada e a sobreposição de uma nova camada não compatível resulta no aparecimento de fissuras.

Já o ataque biológico encontrado é provocado por agentes xilófagos, identificados pela presença de galerias nas peças e de grânulos fecais no ambiente, como feitos por cupim de madeira seca (ELEOTÉRIO, 2000). O ataque se dá por penetração de um par sexuado através de rachaduras na madeira (MENDES, 1988) e o risco de infestação é ampliado quando as condições de temperatura ambiente, ar e umidade são adequados para a reprodução (CRUZ, 2001). Os agentes se alimentam da celulose presente na madeira e instalam novos ninhos em seu interior, iniciando assim uma nova colônia. Ocorre, então, perda de material e resistência (BRITO, 2014).

A utilização de pregos de modo inadequado identifica-se como uma intervenção não eficiente. Esta ação não segue a recomendação técnica da utilização de colas para a união de peças de madeira (GONZAGA, 2006) que resulta no desprendimento destas peças e, conseqüentemente, lacunas no retábulo.

As patologias descritas acima estão expostas na Figura 5.

Figura 5 – Demonstração das patologias encontradas na madeira



Fonte: Acervo das autoras.

C) Elementos Metálicos

As esquadrias – atualmente compostas por metal e vidro – e a escada metálica que permite o acesso à torre sineira apresentam oxidação e desprendimento da camada pictórica. Pode-se notar também nas esquadrias algumas lacunas nos vidros. Não foi possível constatar nos sinos instalados na torre sineira a oxidação, devido ao excesso de camadas pictóricas.

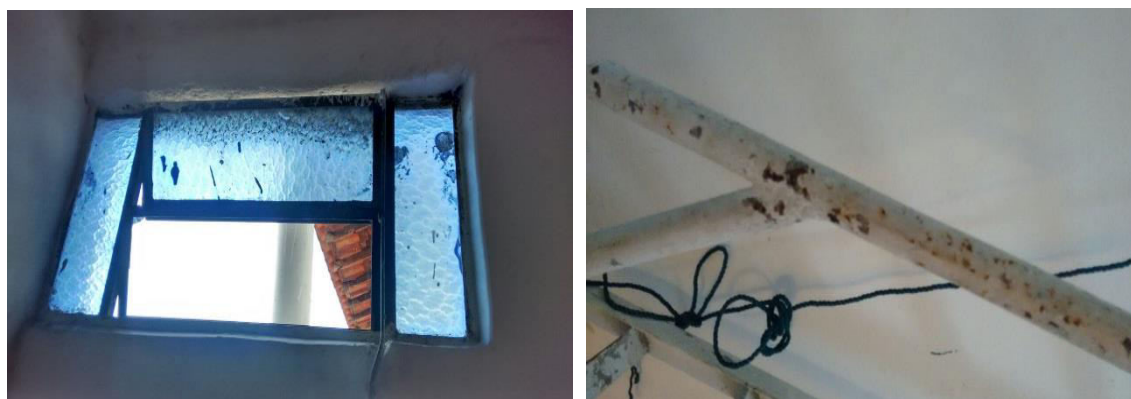
A oxidação nos elementos citados anteriormente possui indicativos de serem provenientes de água das chuvas. Nas esquadrias da sacristia e coro, quando a oxidação é encontrada na parte inferior dos componentes, atribui-se esta mazela ao rebatimento da água em

superfícies, que respinga para o elemento. Já na parte superior, esta patologia pode ser imputada ao mau dimensionamento dos beirais que não protegem de forma adequada, permitindo que a água entre pelos vãos da torre sineira e tenham contato com a escada. As lacunas presentes nestes elementos referem-se à ausência de pedaços dos vidros instalados nos caixilhos metálicos, possivelmente causados pelo desprendimento do material pela falta de manutenção em conjunto com diferença térmica ou ação humana.

O desprendimento da camada pictórica nestes elementos metálicos ocorre devido a expansão do metal quando oxidado.

As patologias descritas acima estão expostas na Figura 6.

Figura 6 – Demonstração das patologias encontradas no metal



Lacunas nos vidros
[2017]

Desprendimento da camada
pictórica e oxidação
[2017]

Fonte: Acervo das autoras.

A partir das patologias analisadas, atribui-se ao templo um estado de conservação de regular, enquanto o retábulo apresenta um estado de conservação ruim. Justifica-se a classificação principalmente pela estrutura da capela permanecer sem riscos de ruína e por exigir, em alguns locais, apenas manutenções preventivas e corretivas. Já o retábulo, que é um bem móvel integrado, encontra-se com grandes indícios de deterioração e risco de perda do elemento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou identificar e analisar a causa das principais patologias que atacam este patrimônio cultural para fornecer subsídios que embasem futuras intervenções na edificação e que venham a fortalecer o sentimento de pertencimento da população em relação ao bem. A partir do estado de conservação do templo, analisado durante este estudo, identificou-se 10 danos que afligem a edificação. Estes danos seguem resumidos no Quadro 1.

Quadro 1 – Resumo dos danos identificados e suas causas

	Danos identificados	Local de atuação	Causa identificada
1	Estufamento da argamassa de revestimento	Alvenaria (externa e interna)	Águas das chuvas, ascensão capilar, condensação (umidade).
2	Manchas de infiltração/ umidade/ bolores		
3	Desprendimento da camada pictórica	Alvenaria (externa e interna)	Água das chuvas (umidade), expansão do material.
		Elementos metálicos	
4	Manchas de Sujidades	Alvenaria (externa e interna)	Águas das chuvas ou ação humana (interna).
5	Diferença no nível de argamassa	Alvenaria (interna)	Dilatação de material (intervenção inadequada).
6	Trinca/ fissura	Alvenaria (externa e interna)	Aberturas de vãos de passagem de tubulação, dilatação de material (intervenção inadequada).
		Elementos de madeira	Sobreposição de camadas (intervenção inadequada).
7	Excesso da camada pictórica	Elementos de madeira	
		Elementos metálicos	
8	Lacunas	Elementos de madeira (ornatos do retábulo)	Perda de material, fixação de forma inadequada (intervenção inadequada).
		Elementos metálicos (esquadrias/vidros)	Diferenciação térmica ou ação humana.
9	Ataque biológico (agentes xilófagos)	Elementos de madeira (retábulo)	Temperatura, ar e umidade pertinentes para a proliferação de insetos.
10	Oxidação	Elementos metálicos (esquadrias e escada da torre sineira)	Água das chuvas (umidade).

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A partir da identificação e análise dos danos e suas formas de ocorrência, foi possível constatar as causas das patologias encontradas. A importância da identificação destas causas é justificada por ser a segunda etapa no processo de preservação de um bem, de acordo com o Manual de Elaboração de Projetos de Preservação do Patrimônio Cultural (BRASIL, 2005). Logo, observa-se que o objetivo principal deste trabalho foi atingido.

Com isto, observou-se a necessidade de realizar estudos mais aprofundados sobre as terapias a serem aplicadas para o tratamento das patologias identificadas. Sugere-se também, para trabalhos futuros, a execução da Proposta de Intervenção como próxima etapa do processo de preservação, a fim de garantir a perpetuidade do bem e de seus valores sociais para o estado do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Programa Monumenta. **Manual de elaboração de projetos de preservação do patrimônio cultural** / Elaboração José Hailon Gomide, Patrícia Reis da Silva, Sylvia Maria Nelo Braga. _ Brasília: Ministério da Cultura, Instituto do Programa Monumenta, 2005.
- BRITO, L. D. **Patologia em estruturas de madeira: metodologia de inspeção e técnicas de reabilitação**. Tese de doutorado Universidade de São Carlos, SP: 2014.
- CRUZ, H. **Patologia, avaliação e conservação de estruturas de madeira**. II Curso Livre Internacional de Patrimônio, Santarem, 2001.
- ELEOTÉRIO, Eliane Santos da Rocha. **Levantamento e identificação de cupins (insecta: isoptera) em área urbana de Piracicaba, SP**. Dissertação de mestrado USP, 2000.
- FIGUEIREDO, J. L. **Fábrica de Santo Aleixo: Magé, arte e patrimônio da industrialização (1847 – 1979)**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Arte) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008. E-book. Disponível em: http://www.artes.uff.br/dissertacoes/2008_joana_lima_figueiredo.pdf. Acesso em 11 dez. 2018.
- GONZAGA, A. L. **Cadernos Técnicos: Madeira: Uso e Conservação**. v. 6. Brasília, DF: IPHAN/MONUMENTA, 2006.
- JORNAL DO BRASIL. **MAGÉ: festa de Santo Aleixo**. Rio de Janeiro: 7 jul. 1898. p.3.
- MARCHON, T. **Capela de Santo Aleixo: Projeto de Revitalização e Restauração. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro de Engenharia e Computação, Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2017.**
- MENDES, A. S.; ALVES, M. V S. **A degradação da madeira e sua preservação**. Brasília: IBDF/DPq – LPF, 1988.
- PIZARRO E ARAÚJO, J. S. A. **Memórias históricas do Rio de Janeiro e das províncias anexas à jurisdição do Vice-Rei do estado do Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1820.

- RIBEIRO, F. A. S. Imbricações entre o rural e o urbano e seus desdobramentos no mundo do trabalho: o caso da fazenda São José da Cachoeira. In: Simpósio Nacional de História, 27., 2013, Natal. **Anais [...]**. Natal: Conhecimento histórico e Diálogo social, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371348511_ARQUIVO_FelipeAugustodosSantosRibeiro-TextoCompleto.pdf. Acesso em: 05 jul. 2019.
- RIBEIRO, F.; MARCHON, T.; LIMA, V. **Capela do povo: 275 anos de história e devoção a Santo Aleixo**. Magé-RJ: Kirios, 2018.